

CRÍTICA À FILOSOFIA DA IDENTIDADE EM THEODOR W. ADORNO THEODOR W. ADORNO'S CRITIQUE OF THE PHILOSOPHY OF IDENTITY

Olmaro Paulo Mass¹

A mera tentativa de voltar o pensamento para o não-idêntico ao invés de para a identidade é tomada por um contrassenso (ADORNO, 2009, p. 135).

Resumo: Para Theodor W Adorno, a filosofia tem um papel crucial na reinterpretação do real e na identificação do que está além dos conceitos consolidados, ajudando a desvelar a realidade em sua complexidade e diversidade. Dessa forma, a filosofia permite um entendimento mais profundo do mundo e do sujeito, sem buscar resolver contradições de forma simplista, por meio de uma postura crítica e reflexiva. A dialética negativa na medida que tem a liberdade de expressar, encoraja os sujeitos a questionar as estruturas de poder, as normas sociais e os conceitos frequentemente aceitos sem quaisquer indagações. Essa prática reflexiva é essencial na construção de um sujeito emancipado, capaz de exercer sua autonomia de forma consciente e crítica. Esse processo reflexivo e dialético desafia as formas de pensamento dominantes e, por consequência, as estruturas de poder que as sustentam. Através da dialética negativa, a filosofia revela as fissuras nos sistemas sociais e cognitivos que, muitas vezes, são naturalizados. Nesse sentido, a filosofia tem um papel emancipador, já que ao desenvolver as contradições e tensionar as normas condicionais, ela capacita o sujeito a pensar de forma mais crítica e autônoma, resistindo às formas de dominação intelectual.

Palavras-Chave: Adorno; Dialética Negativa; Não-idêntico.

Abstract For Adorno, philosophy plays a crucial role in reinterpreting reality and identifying what is beyond consolidated concepts, helping to reveal reality in its complexity and diversity. In doing so, philosophy allows for a deeper understanding of the world and the subject, without seeking to resolve contradictions in a simplistic way, through a critical and reflective stance. Philosophy, by stimulating negative dialectics, encourages subjects to question power structures, social norms and concepts that are often accepted without any questions. This reflective practice is essential in the construction of an emancipated subject, capable of exercising their autonomy in a conscious and critical way. This reflective and dialectical process challenges dominant forms of thought and, consequently, the power structures that support them. Through negative dialectics, philosophy reveals the fissures in social and cognitive systems that are often naturalized. In this sense, philosophy has an emancipatory role, since by developing contradictions and tensioning conditional norms, it enables the subject to think in a more critical and autonomous way, resisting forms of intellectual domination.

Keywords: Adorno; Negative Dialectic; Non-identical.

¹ Professor na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: olmaro2017@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9026-0644>

No contexto pós-pandemia, caracterizado por incertezas e robustas mudanças globais, evidencia-se a necessidade de um pensamento crítico e filosófico, diante da premente gama de fatores sociais, ético, culturais e políticos que desafiam o pensamento e a reflexividade enquanto instâncias capazes de mais uma vez reposicionar tais questões cruciais que atravessam o nosso tempo². Nesse sentido, talvez teríamos que, mesmo que inicialmente admitir que, diante das metamorfoses sociais, políticas e econômicas e suas especificidades, uma reavaliação constante das condições e dos valores que orientam a sociedade parece ser algo que permanece em segundo plano. Nesse cenário, a filosofia, especialmente a proposta de Adorno, torna-se uma aliada crucial para a crítica e a transformação do pensamento, que procura se sustentar em uma racionalidade instrumentalizada. A dialética negativa, oferece as ferramentas para sustentar uma postura crítica que rejeita verdades consolidadas sem antes submetê-las a uma análise rigorosa e reflexiva. Assim, podemos dizer que a filosofia pode fornecer as ferramentas mais autênticas para enfrentar os desafios contemporâneos, promovendo uma emancipação que não seja apenas teórica, mas também prática, em que o filósofo, possa ter por tarefa precípua contribuir com a transformação do pensamento e da realidade.

Por isso, para o pensamento genuíno dos pensadores da Escola de Frankfurt, a crítica à ideologia não é nada periférico e intracientífico, algo limitado ao espírito objetivo e aos produtos do espírito subjetivo; ela é, pois, filosoficamente central: “a crítica da própria consciência constitutiva” (ADORNO, 2009, p. 129). Ou seja, a filosofia é desafiada em seu pensar filosófico, por excelência, em contrapor essa pretensão totalitária de um pensamento que se firma em uma identidade comprometida e originária da ideologia, que na compreensão de Adorno, perdeu a autenticidade filosófica

A partir disso, dessa constatação, pode-se indagar: *qual é o papel da filosofia? Sob este prisma, partindo-se dessa noção de filosofia, Adorno critica a tendência da filosofia tradicional de buscar a totalização e a harmonização das contradições, em um processo que, muitas vezes resulta na repressão das diferenças e na imposição de uma falsa unidade. Em vez disso, a dialética negativa procura manter as contradições abertas e evidentes, registrando a complexidade e a multiplicidade do real. Para Adorno, é na insistência em manter as contradições abertas que a filosofia pode captar melhor a realidade em sua complexidade, sem forçar uma síntese*

² Ver: PONTEL, Evandro; MASS, Olmaro Paulo; Suportar o insuportável: a normalização do medo e da produção da vida danificada – um diálogo a partir de Zygmunt Bauman. *Revista Opinião Filosófica*, n. 12, n.2021, 1-20. <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1025>.

artificial que minimize as diferenças. Esse método permite uma visão mais crítica e profunda do mundo, pois expõe o esforço real que está frequentemente oculto por ideologias ou sistemas de pensamento que buscam harmonia a qualquer custo. Além disso, a dialética negativa é também uma crítica à maneira como as estruturas de poder tentam impor uma narrativa única ou uma ordem fixa.

A crise da sociedade e da racionalidade, segundo Adorno, desafia o pensamento filosófico contemporâneo a interpretar e compreender a realidade a partir de uma autocrítica pelo viés da dialética negativa. Enquanto procedimento de compreensão da realidade e de uma *ação-prático-teórica*, a filosofia deseja manifestar seu pensamento ético-político. Quem pode confiar ainda em *teorias-práticas* frente às desesperanças do próprio pensamento? O desprendimento formal e a possibilidade de o conceito não se constituir no encontro com a realidade é uma das características da negatividade crítica da filosofia adorniana. Para Adorno, “o sistema é o ventre que se tornou espírito, a fúria é a marca registrada de todo e qualquer idealismo [...]. A imagem de homem no centro está irmanada com o desprezo pelo homem: não deixa nada incontestado” (ADORNO, 2009, p. 28). A realidade que foi sendo construída no horizonte da filosofia que, grosso modo, se constitui com característica autocrática, esvaziou-se da potencialidade crítica no processo da sua fundamentação frente à crise da razão iluminista.

Por meio de uma linguagem crítica, é possível colocar essa realidade negada pelo pensamento tradicional em movimento. O não-idêntico da dialética negativa traz à tona o que a ideologia negou e o suprimiu na relação realidade e pensamento. A inclusão do que está oculto e até confuso na história, enquanto potencialidade, percorre os interstícios da relação entre pensamento e realidade. Mas a dialética negativa tem a liberdade de expressar o pensamento da não identidade ao procurar fazer justiça à própria realidade e ao seu meio. É nessa direção que clarifica magistralmente Adorno:

É preciso se opor à totalidade, imputando-lhe a não-identidade consigo mesma que ela recusa segundo o seu próprio conceito. Por meio dessa oposição, a dialética negativa está ligada como a seu ponto de partida com as categorias mais elevadas da filosofia da identidade. Nessa medida, ela também permanece falsa, participando da lógica da identidade; ela mesma permanece aquilo contra o que é pensada. (2009, p. 128-129).

A exposição filosófica que se constitui no movimento dialético da não identidade e que tem como objetivo contrapor e reagir a um pensamento que tem características totalitárias não pode desconhecer seus próprios limites que, no exercício de sua exposição e tensão

permanente, renova-se ao pretender dizer algo sobre a realidade dos fatos. Souza, ao refletir sobre a razão do não-idêntico na concepção de filosofia de Adorno, assevera: “É sua negatividade intrínseca, seu particular poder crítico, que rompe com hábitos mentais e conjuntos de certezas filosóficas petrificadas, mergulhando em seus elementos constitutivos mais profundos” (SOUZA, 2024, p. 96). Tal condição ocorre quando se possibilita ao conceito ser *órganon* do pensamento e da racionalidade do não-idêntico em vista a sua crítica à filosofia da identidade.

Observa-se, porém, que se trata de apreender ao contrário daquilo que a tradição tem como princípio unificador e inspirado pela regra cartesiana segundo a qual os pensamentos devem se dirigir aos objetos na intenção de conhecer a realidade de forma clara, distinta, livre e objetiva a fim de excluir toda e qualquer dúvida na busca de um conhecimento indubitável. Essa compreensão se caracteriza na progressão discursiva até atingir sua finalidade última exposta e pré-definida. Em posição situada opostamente ao método cartesiano, a história não pode ser discurso do método nem guia do conhecimento, como se pode captar nesta afirmação adorniana: “O conhecimento se dá, na realidade, num feixe de preconceitos, intuições, inervações, antecipações e exageros, em suma, na experiência compacta, fundada, mas de modo algum transparente em todos os pontos” (ADORNO, 2008, p.76). Essa forma de pensamento tem por peculiaridade trazer consigo o princípio que se assenta na priorização da heterogeneidade do conceito e na sua relação de abertura com o mundo, que manifesta a sua natureza.

Assim, a percepção é de que há a dissolução da verdade do objeto que teria sido construída pela certeza do sujeito, que fica deslumbrado pelo que vê e ofuscado em suas novas percepções sobre a realidade. Esta situação é denominada de insuficiência do pensamento conceitual ou de ilusão da identidade. Para Adorno,

A constituição impositiva da realidade, que o idealismo tinha projetado para a região do sujeito e do espírito, deve ser reportada para um espaço fora dessa região. O que resta do idealismo é o fato de a determinante objetiva do espírito, a sociedade, ser tanto um conjunto de sujeitos quanto sua negação. Na sociedade, esses sujeitos são irreconhecíveis e permanecem impotentes; daí ela ser tão desesperadamente objetiva e conceitual, o que o idealismo faz passar por algo de positivo (ADORNO, 2009, p. 17).

Na concepção adorniana, a própria filosofia não se sustenta em bases firmes e construídas a partir de princípios axiológicos capazes de dizer claramente o seu potencial concreto em meio às contingências histórico-ideológicas. É relevante observar que a dialética adorniana é uma crítica imanente ao conceito que permanece sob o aspecto da negatividade enquanto pretensão de explicar a totalidade da realidade por se deixar conduzir e fundamentar por um pensamento que se

constrói na relação e pelo processo racional de acordo com o sistema pré-determinado. Em outras palavras, para Tiburi, “ao contrário da hegeliana, que se constrói no jogo do superar e guardar (*Aufhebung*) a dialética negativa viverá a imagem do que se perdeu [...]” (TIBURI, 2005, p. 20). O elemento essencial da dialética negativa é a realidade material do mundo que se perdeu e não foi incluída, nem guardada, nem superada pela dialética positiva.

É essencial trazer presente a limitação da teoria que se expõe em relação à realidade que, para ser rigorosa no seu exercício, torna-se antídoto ao contexto sócio-histórico em que está inserida. São esclarecedoras, neste sentido, as palavras que seguem:

Nenhuma teoria escapa mais ao mercado: cada uma é oferecida como possível dentre as opiniões concorrentes, tudo pode ser escolhido, tudo é absorvido. Ainda que o pensamento não possa colocar antolhos para defender-se; ainda que a convicção honesta de que a própria teoria está isenta desse destino certamente acabe por se degenerar em uma autoexaltação, ainda assim a dialética não deve emudecer diante de tal repreensão e da repreensão com ela conectada referente à sua superfluidade, à arbitrariedade de um método aplicado de fora (ADORNO, 2029, p. 12).

Por decorrência do exposto, pode-se situar o núcleo duro da filosofia adorniana que, já na *Dialética do esclarecimento* e na *Minima moralia*, é associado com os termos abstração conceitual e legitimação do pensamento dialético. Em outros termos, elabora uma crítica contundente a uma estrutura de reprodução das ideologias de dominação que buscam preservar em seu próprio sistema a identidade da autopreservação: “Enquanto princípio de troca, a *ratio* burguesa realmente assimilou aos sistemas com um sucesso crescente, ainda que potencialmente assassino, tudo aquilo que queria tornar comensurável a si mesma, identificar consigo, deixando sempre cada vez menos de fora” (ADORNO, 2009, p. 28). O fundamento, o pilar desse sistema, é o reconhecimento objetivado pela filosofia da ilustração e da identidade por excelência.

A crítica ao conceito de identidade é uma crítica à ideologia. Deve-se considerar o limite do sujeito cognoscente frente a uma realidade em que a relação sujeito e objeto estão no mesmo nível. Se não há relação entre sujeito e objeto, a identidade torna o princípio absoluto o núcleo crítico do pensamento: “O objeto só pode ser pensado por meio do sujeito, mas sempre se mantém como um outro diante dele; o sujeito, contudo, segundo sua própria constituição, também é antecipadamente objeto” (ADORNO, 2009, p. 184). O conceito que se constrói a partir da negatividade ultrapassa seus limites e busca ir além de si mesmo, com o objetivo de estimular uma relação de reciprocidade como o objeto. A sua insistência está no movimento da

negatividade da dialética.

Ao recusar a reconciliação forçada das contradições, a dialética negativa desafia essa imposição de uniformidade, promovendo uma reflexão crítica sobre as formas de dominação que operam através da padronização do pensamento e da sociedade. Assim, Adorno propõe uma filosofia que resista à tentativa de fechar as discussões com respostas finais e, em vez disso, atualize o pensamento em movimento, sempre aberto à complexidade e às contradições do real.

A crítica se torna abstrata se a supremacia do sujeito é considerada prioridade na filosofia da identidade, tendo presente que é a própria condição do sujeito colocar-se na condição de crítico para que ele não se torne ideologia ao reduzir-se como expositor e guia do conhecimento e da verdade. O pressuposto inerente a esta dinâmica consiste em que:

A dialética negativa não faz desaparecer a identidade e sim a muda qualitativamente. Nela, a identidade é o ponto de partida, enquanto falsidade, e o ponto de chegada, enquanto possibilidade de verdade. Na negação radical da identidade primeira encontra-se as raízes da identidade última, pois na reprovação de que a coisa não é idêntica ao sujeito perdura a nostalgia de que oxalá chegue a sê-lo. As ideias são signos negativos: elas vivem nos interstícios, entre o que as coisas pretendem ser e o que são (PUCCI; OLIVEIRA; ZUIN 2000, p. 79-80).

Essa crítica se realiza na experiência e o seu conteúdo se recusa a alicerçar-se em forma de sínteses acabadas ou inerentes à totalidade conceitual. Querer tomar a totalidade numa formulação que adquire um sentido único em relação a seu conteúdo submete a realidade ao pensamento totalitário e unívoco. Em outras palavras, a tensão central reside na insuficiência daquilo que vai além do conceito como possibilidade de uma crítica imanente. Os principais elementos que os conceitos carregam em si possibilitam a esperança e o alento de uma nova expressão filosófica sem características ou determinações conclusas em suas expressões e procedimentos. Sobre isso, Adorno se expressa do seguinte modo:

A filosofia tradicional acredita possuir seu objeto como um objeto infinito e, assim, enquanto filosofia, se torna finita, conclusiva. Uma filosofia transformada precisaria revogar essa petição, não poderia mais enredar a si mesma e aos outros na crença de que teria o infinito à sua disposição [...]. Ela teria o seu conteúdo na multiplicidade, não enquadrada em nenhum esquema, de objetos que se lhe impõem ou que ela procura; ela se abandonaria verdadeiramente a eles, sem usá-los como um espelho a partir do qual ela conseguiria depreender uma vez mais a si mesma, confundindo a sua imagem com a concreção. Ela não seria outra coisa senão a experiência plena, não reduzida, no *medium* da reflexão conceitual (ADORNO, 2009, p. 19-20).

O pensamento, enquanto negação determinada, é um processo permanente em elaboração que faz vivificar a existência da realidade em novos elementos em automovimento, sendo que esse movimento é percebido como aquele que pode ressignificar a procedência do não conceitual. A concepção de expressão filosófica no viés de um pensamento que busca resistir e ir além daquilo que está fixado e mediatizado por meio da instrumentalização da linguagem assegura a negatividade da dialética que preserva a diferença como possibilidades do *lugar do outro*:

Seu nome (dialética) não diz inicialmente senão que os objetos não se dissolvem em seus conceitos, que esses conceitos entram por fim em contradição com a norma tradicional da *adaequatio*. [...]. Ela (contradição) é o indício da não-verdade da identidade, da dissolução sem resíduos daquilo que é concebido no conceito. Todavia, a aparência de identidade é intrínseca ao próprio pensamento em sua forma pura. Pensar significa identificar. [...]. À consciência do caráter de aparência inerente à totalidade conceitual não resta outra coisa senão romper de maneira imanente, isto é, segundo o seu próprio critério, a ilusão de uma identidade total. [...] A dialética é a consciência consequente da não-identidade (ADORNO, 2009, p. 12-13).

Num esforço contínuo, a dialética reconhece a insuficiência do conceito, o não-idêntico presente na conceitualidade do pensamento, no que concerne à indiferença e à complexidade do conceito como expressão, caminho referencial, processo a ser edificado. Adorno, de modo algum, se opõe ao rigor filosófico que é essencial para o exercício e característica da filosofia enquanto resistência ao pensamento objetivado e tecnificado. O desafio da filosofia, se constitui em relação ao desprendimento da realidade constituída e a uma lucidez filosófica para possibilitar a potência crítica enquanto constelação e enigma de imagens e fragmentos históricos que, no exercício e na relação entre exposição e conceito, torna-se possível pela dialética negativa.

Para Adorno a *Aufhebung* hegeliana é expressão de superação, da preservação e da conciliação dos contrários, em que o aspecto da negatividade está a serviço de um resultado positivo da identidade³ do conceito. A negatividade é um momento ímpar na filosofia hegeliana, pois é o motor propulsor em direção à potencialidade do pensamento. Nesse sentido, a autocrítica não abandona a razão, e todo o pensamento impulsiona na direção de um momento negativo. Por isso, é notável que,

³ O “sujeito transcendental”, objetivado em uma existência intemporal, e a sua devida fixidez e invariabilidade (entendidas como constituintes de todos os objetos). Vejamos como está exposto da Mínima Moralia: Na doutrina do sujeito transcendental, expressa-se fielmente a primazia das relações abstratamente racionais, desligadas dos indivíduos particulares e seus laços concretos, relações que têm o seu modelo na troca. Se a estrutura dominante da sociedade reside na forma da troca, então a racionalidade desta constitui os homens; o que estes são para si mesmos, o que pretendem ser, é secundário. Eles são deformados de antemão por aquele mecanismo que é transfigurado filosoficamente em transcendental (ADORNO, 1995, p.186).

A dialética negativa diferencia-se da dialética hegeliana em sua recusa da equiparação da negação da negação com a positividade. Segundo Adorno, nessa última sobrevive, no mais recôndito de si, um princípio antidialético, comparável, na lógica convencional, ao “menos vezes menos equivale a mais”. Já que o estado de coisas a ser negado é um todo antagônico, sua negação permanece negativa, à medida que atinge apenas aspectos particulares daquele. Uma negação persistente não se presta a referendar o existente. A negação da negação não invalida o processo dialético, mas mostra que ele não é suficientemente negativo (PUCCI, 2008, p. 06).

O sujeito é instituído como aquele que é portador da verdade do objeto, como bem expressou a filosofia kantiana. O movimento da realidade em direção ao seu conceito é reconciliado na filosofia da identidade hegeliana. Não se constitui num ato simples e qualquer do pensar filosófico ou de uma representação conceitual, mas na relação dialética do encontro entre conceito e realidade.

A filosofia não pode se deixar manipular por resultados que são objetivados por uma dialética instrumentalizada. Seu esforço consiste em expor, proferir e articular-se a partir do que lhe está presente, do que está exposto como dado referido, esperando a reconciliação. O alento da dialética negativa pode, nesse sentido, ser assim expresso:

O esforço implícito no conceito do próprio pensamento, como contraparte a intuição passiva, já é negativo, uma rebelião contra a pretensão de todo elemento imediato de que é preciso se curvar a ele. Juízo e conclusão, as formas de pensamento que mesmo a crítica não consegue evitar, contêm em si germes críticos; sua determinação é sempre ao mesmo tempo exclusão daquilo que não é por eles alcançado, e a verdade que querem organizar nega, ainda que com um direito questionável, aquilo que não é cunhado por eles (ADORNO, 2009, p. 25).

Ao contrapor a ideia de experiência filosófica do idealismo hegeliano na qual a realidade era sublimada e enquadrada de forma objetiva, a concepção de Adorno faz com que a contradição seja identificada com o princípio da não identidade na sua relação intrínseca com o conceito de não-idêntico. A manifestação da não identidade se realiza no processo e na experiência da multiplicidade que se opõe ao conhecimento que pretende se ajustar à realidade por meio de uma ideologia que rompe com a diferença em sua riqueza histórica e na sua temporalidade.

Contradição na realidade, ela é contradição contra essa última. Uma tal dialética, porém, não se deixa mais coadunar com Hegel. Seu movimento não tende para a identidade na diferença de cada objeto em relação a seu conceito; ela antes coloca o idêntico sob suspeita. Sua lógica é uma lógica da desagregação: da desagregação da figura construída e objetivada dos conceitos que o sujeito cognoscente possui de início em face de si mesmo (ADORNO, 2009, p. 127).

A força dessa negatividade⁴ está presente e tem sua expressão na dialética negativa.

Por outro lado, os juízos proferidos e as conclusões preliminares estão fundamentados no pensamento derivado de uma natureza negativa em que a veracidade é pensada estritamente na relação com os conceitos que, por razões óbvias, foram positivados como verdade. Essa forma de pensamento, na acepção adorniana, é alicerçada numa filosofia especulativa para a qual a diferenciação se ajusta à primazia do sujeito⁵ cognoscente. A realização do ideal de racionalidade regida pelo determinismo do espírito moderno que culmina no saber instrumentalizado e absoluto é assim nestes termos referido:

O empobrecimento da experiência provocado pela dialética, empobrecimento que escandaliza as opiniões razoáveis e sensatas, revela-se no mundo administrado como adequado à sua monotonia abstrata. O que há de doloroso na dialética é a dor em relação a esse mundo, elevada ao âmbito do conceito. O conhecimento precisa se juntar a ele, se não quiser degradar uma vez mais a concretude ao nível da ideologia; o que realmente está começando a acontecer (ADORNO, 2009, p. 14).

A filosofia, que prometia a transição imediata da teoria para a prática, parte de uma interpretação insuficiente. Para a sobrevivência do pensamento crítico, deve-se reativar a força da teoria (da interpretação), já que a hipótese que estava revestida de práxis (tanto o marxismo tradicional como o hegelianismo com sua dialética da efetivação da razão na história) é insuficiente: torna-se necessária para a utopia do conhecimento. Por isso, o ideal de uma realidade desencantada, nas palavras de Tiburi, vai além de uma racionalidade formal e de sua relação utilitária com a realidade:

O todo, seguindo a direção da filosofia de Adorno contra Hegel, será a sua máxima abstração (DN, p. 15), o que se opõe diametralmente ao concreto, que se alça por sobre a experiência concreta do particular dada na história e tenta adequá-la ao mundo do pensamento. Se o universal é, em Hegel, o concreto, porque relacionado à razão, enquanto o particular é abstrato, até que possa ser elevado à razão, ao contrário, em Adorno, concreto é aquilo que se aproxima da experiência física, enquanto experiência do sofrimento, aquilo que não pode ser tomado como exemplo pela razão, não podendo constituir seu sistema. (IBURI, 2005, p. 59)

⁴ No movimento para o não-idêntico, assim caracterizado pela filosofia adorniana, a dialética negativa permanece numa tensão permanente entre o pensamento e a realidade a ser desvelada num movimento efetivo e de relação contínua. Esse desvelamento da realidade que é possibilitado pela dialética negativa traz um assentimento, uma singular inclusão e inserção do exercício de crítica permanente do pensamento na sua relação intrínseca com a experiência do procedimento não conceitual.

⁵ É fundamental reportar-se a dois trechos sobre este tema que merece um aprofundamento para entender a relação entre sujeito e objeto. Ele é essencial para repensar uma nova concepção da epistemologia do conhecimento. Por isso, “o pensamento só tem poder sobre a realidade pela distância” (ADORNO, Theodor; HORKEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 72). Na contemplação, “a observação não violenta” traz a relação e dá condições de se manter uma proximidade na distância, assegurando a diferenciação sem a perspectiva do domínio do sujeito sobre o objeto (ADORNO, 2008, p. 85).

No texto, intitulado *Origem da filosofia burguesa da história*, Horkheimer recoloca a questão da história a partir de um ponto de vista da dialética materialista para questionar a história que é desvinculada de um pensamento que busca superar as estruturas de opressão:

Quando falham as tentativas de pintar o presente feliz para todos, quando a utopia na qual se apagou o acaso, não se pode realizar, torna-se necessária uma filosofia da história, que tenta reconhecer por detrás da confusão experimental da vida e da morte uma boa intenção dissimulada, em cujos planos o fato isolado, aparentemente incompreensível e sem sentido, tem o seu valor, sem o saber (HORKHEIMER, 1984, p. 91).

Outro aspecto de fundamental importância refere-se ao conceito de racionalidade que, numa linguagem hegeliana, tem o papel de conduzir a história em um movimento bem engrenado para atingir momentos gloriosos alusivos à totalidade da realidade. Entretanto, esta se revela e se reencontra nos elementos subterrâneos ou regressivos que permanecem, na perspectiva adorniana, essencialmente abertos frente ao repositório do derrotismo da racionalidade instrumentalizada.

Faz-se necessário, na compreensão de Adorno, a persistência de uma reflexão crítica: “Depois de quebrar a promessa de coincidir com a realidade ou ao menos de permanecer imediatamente diante de sua produção, a filosofia se viu obrigada a criticar a si mesma sem piedade” (ADORNO, 2009, p. 11) em vista de uma práxis que possa ser transformadora. E essa “vivacidade é vitalizada” pelo pensamento que tem a força inovadora e, ao mesmo tempo, não deixa aprisionar-se por uma razão previamente esquematizada e sistematicamente objetivada.

Por isso, a não identidade é o lugar da verdade provisória, e a ignorância é a condição para sair da adequação em que os pressupostos não tematizados sobrevivem e ganham vida na dialética negativa. Adorno opõe-se à filosofia cujo postulado está na autoconservação de um pensamento fixo de origens absolutas e que tem sua aplicabilidade nos mais remotos contextos e situações sociais.

A exigência da unidade entre *praxis* e teoria rebaixou irresistivelmente a teoria até torná-la uma serva; ela alijou da teoria aquilo que ela teria podido realizar nessa unidade. O visto prático que se requisita de toda teoria transformou-se em carimbo de censura. No entanto, na medida em que a teoria foi subjugada no interior da célebre relação teoria-prática, ela se tornou aconceitual, uma parte da política para fora da qual ela gostaria de conduzir; ela é entregue ao poder. A liquidação da teoria por meio da dogmatização e da interdição ao pensamento contribui para a má prática; é de interesse da própria prática que a teoria reconquiste sua autonomia. A

relação recíproca entre os dois momentos não é decidida de uma vez por todas, mas se altera historicamente (ADORNO 2009, p. 125).

Se a realidade é frágil e provisória, o conceito se encontra também numa condição sempre em *devoir-a-ser* e nunca se perpetua em sua falsidade narcisista em vista de uma preservação intacta. Por isso, “a filosofia tem de abdicar do consolo de acreditar que a verdade não é passível de ser perdida” (ADORNO, 2009, p. 37), e o conhecimento que se tem de uma realidade pode não ser seguro e até ser falso. Ora, o contexto em que os conceitos, então aprisionados, podem ser coercivos e violentos, vindouros em sua relação e em sua exposição. Necessita-se, então, perceber seus limites enquanto pretensão de ser em sua atividade conceitual, característica de sua identidade:

A não-verdade da própria conexão imanente, contudo, revela-se para a experiência imponente de que o mundo, que se organiza de maneira tão sistemática como se fosse a razão realizada, glorificada por Hegel, eterniza ao mesmo tempo em sua antiga irrazão a impotência do espírito que parece onipotente. A crítica imanente do idealismo defende o idealismo na medida em que mostra o quanto ele engana a si mesmo; o quanto aquilo que é o primeiro e que, para ele, é sempre o espírito, se acha em cumplicidade com o predomínio cego do simples ente. A doutrina do espírito absoluto favorece imediatamente uma tal cumplicidade (ADORNO, 2009, p. 34).

Quando o próprio conceito se abre para uma outra realidade ainda possível, rompe com a sua identidade e reconhece a insuficiência do pensamento conceitual. Ora, se a identidade hegeliana é um conceito que está relacionado a uma das formas da ideologia, a não identidade está relacionada com a diferença, como a heterogeneidade na relação entre pensamento e realidade. Por meio do conceito, a dialética negativa requererá e suscitará a sua não identidade quando faz a experiência do encontro com aquilo que não está posto já nele. Portanto, não é simplesmente sair de si, isto é, romper com os conceitos hipertrofiados, mas acolher aquilo que lhe prova estranhamente, de uma natureza ainda não compreensível. Trata-se de reconhecer e de ver as diferenças da realidade em sua própria relação de resistência ao fazer uma crítica a si mesma. Mas cabe observar que o não-idêntico não é uma constituição da categoria da negação negada:

A dialética significa objetivamente quebrar a compulsão à identidade por meio da energia acumulada nessa compulsão, coagulada em suas objetivações. Isso se impôs parcialmente em Hegel contra ele mesmo, que com certeza não podia admitir o não-verdadeiro da compulsão à identidade. Na medida em que o conceito se experimenta como não-idêntico a si mesmo e como movimentado em si, ele conduz, não sendo mais simplesmente ele mesmo, àquilo que na terminologia hegeliana é denominado seu outro, sem o absorver. Ele se determina por meio daquilo que lhe é exterior porque, de acordo com seu caráter próprio, ele não se exaure em si mesmo.

Enquanto ele mesmo, ele não é de maneira alguma apenas ele mesmo (ADORNO, 2009, p. 136).

Os pensamentos que passam a existir na relação dialética entre sujeito cognoscente e o mundo empírico tem sua origem e procedência no que ainda não está contido no conceitual. Mesmo que a filosofia não abdique de seu momento conceitual, para Perius convém que “[...] ela não se reduza a uma apropriação de objetos através dos esquematismos de um sujeito transcendental ou de uma consciência, mas mantenha-se fiel ao momento de exposição (auto exposição) da própria verdade” (PERIUS, 2013, p. 73). Em outras palavras, a própria filosofia no seu exercício de exposição e de movimento para o não-idêntico se constitui na relação recíproca que permite a possibilidade do objeto dizer o transitório e aquilo que é improvável aos olhares da razão reduzida à pura prática. Pode-se verificar que a

Identidade é a forma originária da ideologia. Goza-se dela como adequação à coisa aí reprimida; a adequação sempre foi também submissão às metas de dominação, e, nessa medida, sua própria contradição. Depois do esforço indizível que precisa ter custado ao gênero humano a produção do primado da identidade mesmo contra si mesmo, ele exulta e degusta sua vitória, tornando esse primado a determinação da coisa vencida: aquilo que sucedeu à coisa precisa ser apresentado por ela como seu em si. A ideologia deve sua força de resistência contra o esclarecimento à sua cumplicidade com o pensar identificador: com o pensar em geral (ADORNO, 2009, p.129).

De acordo com a postura adorniana, a categoria totalidade, ao ser conceituada, precisa ser pensada enquanto categoria associada à negatividade dessa relação com o contexto que está fora de si, permitindo, assim, em sua situação, a sua diferenciação. Pressupõe-se que é necessário pensar (dialética negativa) a partir de sua dinamicidade e de sua inadequação com o conceituado, tal como a sua permanente incompreensão enquanto expressão de um contexto. Penetrar na realidade sem a pretensão de esgotá-la em sua plenitude é significativo para a dialética que carrega a negatividade como um momento impulsionador e de vitalidade. Num sentido amplo, a negatividade e o conceito mantêm-se atrelados em seus limites na mesma realidade em que suas diferenças não fazem desaparecer a identidade. Observam-se as seguintes palavras: “Para o conceito, o que se torna urgente é o que ele não alcança, o que é eliminado pelo seu mecanismo de abstração, o que deixa de ser um mero exemplar do conceito” (ADORNO, 2009, p. 15). Ao se expor, o conceito percebe a sua própria fragilidade e, ao aproximar-se do não conceitual, não se deixa submeter pelos mecanismos impositivos de abstração.

Necessário é observar que, na acepção adorniana, no que concerne à dialética, não se trata tão somente de uma simples inversão ou de uma oposição, já que o marco diferenciador de tal compreensão reside justamente em seu próprio caminho filosófico⁶ e exposição que indica que o *jogo* não será o mesmo nem o procedimento para chegar ao objetivo final de seu labor conceitual. O método como caminho e exposição da realidade precisa ser entendido como um processo a ser elaborado ou construído no qual as *regras básicas* não são secundárias, mas essenciais no decorrer do percurso em vista de criar possibilidades diferenciadas de fazer uma leitura crítica da realidade.

Os *edifícios conceituais*, na concepção adorniana, estão diante de uma encruzilhada: não sabem mais tomar um rumo certo por causa da instabilidade de suas concepções, estão, portanto num momento histórico crucial, de desmoronamento, de decadência teórica, política e ética. Nesse panorama, cabe indagar: como pensar a racionalidade do não-idêntico, em suas possibilidades, em frente a todas as formas de normatividade e sublimação da realidade e da identidade? Como expõe Adorno na *Dialética negativa*, a filosofia se faz a partir de um pensamento que se expressa no não conceitual, em que a identidade está em permanente movimento para o não-idêntico. Por isso, o conceito está em relação e em mediação ao não conceitual, voltado para o não-idêntico, caráter constitutivo de um pensamento crítico e de uma filosofia que não se submete à identidade da totalidade.

Assim, desde sua gênese, o pensamento adorniano insiste que a filosofia tem um papel fundamental na sociedade, principalmente quando tem uma atitude numa perspectiva crítica, no exercício do movimento para o não-idêntico. Por isso, o pensamento filosófico de Adorno e a sua crítica à sociedade residem em “[...] desobstruir com intransigência a densa camada ideológica que oculta as contradições do social e iluminar com raio xis o duro chão da realidade” (PUCCI, 1997, p. 06) Nesse sentido, a dialética negativa como método em suas análises e reflexões filosóficas está incorporada em seu pensamento, isto é, está inerente com o que propuliona e intenciona o movimento reflexivo: “Adorno compreendeu que a partir do momento em que a filosofia rompeu sua promessa de ser idêntica com a realidade ou de estar prestes a efetivá-la, está

Referências

⁶ Conforme, ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 7.

ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Minima moralia*. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 1995.

_____. *Três estudos sobre Hegel*. Trad. Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Unesp, 2013.

_____; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PERIUS, Oneide. *Walter Benjamin: a filosofia com exercício*. Passo Fundo: IFIBE, 2013.

_____. *A filosofia como exercício: Walter Benjamin e Theodor W. Adorno*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

_____. *Esclarecimento e dialética negativa*. Sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno. Passo Fundo: IFIBE, 2008.

PUCCI, Bruno; *Atualidade da Filosofia em Adorno*. Disponível em <www.unimep.br/bpucci/atualidade-filosofia-adorno.pdf>. Acesso em 28 de dez de 2013.

_____; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Orgs.). *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis: Vozes; São Carlos: UFScar, 1997.

_____; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Orgs.). *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Ricardo Timm de. Adorno e a razão do não-idêntico. In: _____. *Razões plurais – itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

TIBURI, Márcia. *Metamorfose do conceito: ética e Dialética negativa em Theodor Adorno*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

Data de submissão: 01/08/2024

Data de aprovação: 16/10/2024